

# VIA TEOLÓGICA

Volume 23 – Número 45 – jun. / 2022

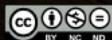
ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

---

## A PASTORAL NA MODERNIDADE: LIDANDO COM OS CONFLITOS DA MODERNIDADE

*Me. Rodrigo Mendes Faria*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

# **A PASTORAL NA MODERNIDADE: LIDANDO COM OS CONFLITOS DA MODERNIDADE**

Pastoral care in modernity: dealing with the conflicts of modernity

*Me. Rodrigo Mendes Faria<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela FABERJ. Pós-graduado em Teologia Bíblica do Novo Testamento pela FABAPAR. Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. E-mail: rodmendes85@hotmail.com

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a missão pastoral diante da modernidade religiosa e a sua influência na vida do indivíduo moderno e as implicações nessa função ao buscar a preservação do conceito tradicional cristão evangélico em uma sociedade com características modernas a partir de pesquisas bibliográficas. A ideia é compreender o desafio de manter-se no curso da tradição, a qual preza pela regulamentação do fiel, e, ao mesmo tempo lida com o indivíduo moderno que não tem mais características que suporte ser regulamentado por qualquer comunidade ou líder pastoral; todo esse contexto levanta a hipótese que, nesse tempo, com as características do sujeito moderno, a função pastoral que preza pela tradição, tem enfrentado um grande desafio.

**Palavras-chave:** Pastoral. Modernidade. Tradição. Conflitos.

## ABSTRACT

This article aims to present the pastoral mission in the face of religious modernity and its influence on the life of the modern individual and the implications of this function when seeking to preserve the traditional evangelical Christian concept in a society with modern characteristics from bibliographic research. The idea is to understand the challenge of keeping in the course of tradition, which values the regulation of the faithful, and, at the same time, deals with the modern individual who no longer has characteristics that support being regulated by any community or pastoral leader; this whole context raises the hypothesis that, at that time, with the characteristics of the modern subject, the pastoral function that values tradition, has faced a great challenge.

**Keywords:** Pastoral. Modernity. Tradition. Conflicts.

## INTRODUÇÃO

Percebe-se que nesse tempo, existem comunidades religiosas para todos os gostos e características, sendo assim, teremos o objetivo questionar a postura pastoral para com sua comunidade de fé. Questionando até onde a modernidade tem afetado os integrantes das comunidades e influenciado a postura pastoral. Quando se observa uma pessoa designada ao ministério pastoral observa-se o seguinte: até que ponto o pastor pode adaptar-se a cultura; ele deve ou não se adaptar à postura moderna, a secularização? Se sim, até onde seria a delimitação baseada na confissão evangélica tradicional, independente da denominação?

246

Talvez o receio de um possível fracasso possa levar o ministro cristão a submeter-se cultura secular, sobrepujando-a até mesmo à tradição. É possível um ministro que preza por uma suposta verdade baseada na tradição manter-se em seu cargo nesses tempos evitando conflitos? Seria mais viável não abordar alguns assuntos para não entrar em conflitos com os fiéis e o mundo ao seu redor e manter as pessoas ‘seguras’ no rol de membros da sua comunidade de fé, ou apresentá-las a uma verdade, segundo seus conceitos, causando assim um confronto com o indivíduo que por vezes tem repulsas a regulamentação? O que mais vale? Um templo repleto de pessoas e um belo prédio, ou uma igreja com pessoas moldadas e dispostas a moldar a outros e seguirem à risca o que é considerado como primordial para a sua comunidade de fé?

John Macarthur toca em alguns assuntos polêmicos, não tratados muitas vezes por pastores talvez por opção pessoal. O que seria viável, segundo o autor, tratar desses assuntos que supostamente seriam essenciais na vida e saúde da comunidade de fé. Falando sobre a modernidade, Macarthur entende que o racionalismo teve uma crescente no ambiente religioso a ponto de influenciar de forma negativa aqueles que buscam à academia:

Em termos simples, a modernidade era caracterizada pela crença de que a verdade existe e que o método científico é a única maneira confiável de determinar essa verdade. Na assim chamada era “moderna”, a maioria das disciplinas acadêmicas (Filosofia, ciências, literatura e educação) era direcionada principalmente por pressuposições racionalistas (MACARTHUR, 2010, p. 37).

Entende-se então que, no percurso da história, a igreja buscou transitar na mesma velocidade pragmatista do mundo secular, sob o suposto argumento de acompanhar os novos tempos. Nesse tempo que chamam de modernidade líquida<sup>2</sup>, a igreja gera estruturas complexas, atividades pesadas, programações cansativas, e cobra engajamento, uma espécie de pertença dos membros, frequência em todas as programações, sem ao menos procurar entender seus universos particulares (KOPESKA, 2018, p. 19-20).

## 1. RELATIVISMO RELIGIOSO

Caminhando nesse sentido, observa-se que algumas correntes de pensamentos apresentam a verdade para o homem não mais como algo exclusivo do cristianismo; ou seja, o homem pode criar a sua verdade através de si só mesmo. Segundo Macarthur, a mente moderna rejeitou o conceito do sobrenatural e provocou explicações científicas e racionalistas para tudo (MACARTHUR, 2010, p. 37). O autor é enfático ao afirmar sobre as influências do meio contemporâneo sobre a fé de um indivíduo ao dizer:

Por essa razão, o único objetivo e atividade singular do pós-modernismo é a desconstrução sistemática de qualquer reivindicação da verdade. As principais ferramentas que têm sido usadas para isso são: o relativismo, a negação de todo dogma, a dissecação e o aniquilamento de toda definição clara, o questionamento implacável de todo axioma, a exaltação indevida do ministério e do

2 Essa ideia foi desenvolvida pelo polonês Zygmunt Bauman, modernidade líquida é um conceito sociológico que tenta dar conta do modo como se dão as relações sociais na atualidade.

paradoxo, o exagero deliberado de toda a ambiguidade e, acima de tudo, o cultivo da incerteza a respeito de tudo (MACARTHUR, 2010, p. 39-40).

Compreende-se através dessa fala que o relativismo, ou seja, dizer que as coisas são relativas em cada situação é a forma que algumas linhas trabalham. O mais interessante é o que o autor trata aqui, é que aparentemente, a partir dessa linha de incerteza, se busca uma verdade em meio ao cultivo das dúvidas. Observa-se que o pensamento contemporâneo a todo custo busca descobrir a existência da verdade absoluta a partir do entendimento individual para construir sua suposta verdade, mas conseqüentemente acaba deixando várias dúvidas e apresentando supostos exageros cometidos por determinados líderes e suas comunidades de fé.

MacArthur relata o seguinte:

Os pós-modernistas sentem-se desconfortáveis com as proposições por razão óbvia: eles não gostam da clareza e da inflexibilidade exigida para lidar com a verdade na forma proposicional. A proposição é a forma mais simples de qualquer afirmação da verdade; e o ponto de partida fundamental do pós-modernismo é o seu desprezo por todas as afirmações da verdade (MACARTHUR, 2010, p. 44).

Contudo, há uma grande parte de líderes cristãos tem se adequadado a prática do relativismo e cederam às suas discretas primícias. Não é difícil de se identificar pastores e mestres ensinando que não há mais absolutos na fé. Tanto a pós-modernidade como a modernidade líquida levanta questionamentos aos pilares da fé, e isso não é algo desse tempo (KOPESKA, 2018, p. 72). Até aqui, pode-se refletir que uma suposta verdade pregada por uma comunidade de fé diretamente pautada em seus princípios de uma igreja considerada ortodoxa para os tempos modernos, é algo totalmente desconfortável para o pós-modernismo. Dizer que existe um lugar onde há uma verdade inflexível, sem variação, algo maior que o ego do ser humano poderia 'afetar' muitas pessoas, inclusive – e principalmente – as igrejas contemporâneas.

Caminhando para essa direção de pesquisa, principalmente a questão sobre o relativismo tratado acima, pode-se entender que a aceitação de alguns valores supostamente distorcidos no contexto de comunidade tradicional, os quais têm tomado uma proporção gigantesca, talvez sirva para maquiagem alguns valores perdidos, ou melhor, deixados para trás.

David Platt levanta uma questão, segundo a sua visão:

Certas questões que têm mais apelo popular, como a pobreza e a escravidão, em relação às quais a ação social costuma render aplausos e elogios aos cristãos, rapidamente nos mobilizam e nos levam a erguer a voz. Contudo, em questões polêmicas, como a homossexualidade e o aborto, pelas quais nós, cristão, costumamos ser criticados, contentamo-nos em ficar mudos e de braços cruzados. É como se tivéssemos decidido quais questões sociais confrontar e quais tolerar. E as escolhas que fazemos geralmente são as mais cômodas – e menos custosa – para nós em nossa cultura (PLATT, 2016, p. 15).

249

Platt pondera que algumas questões são mais fáceis de tratar, principalmente as questões sociais, as quais segundo ele, causam uma melhor impressão na sociedade, enquanto outras questões, que confrontam o outro, têm sido toleradas, evitando assim um conflito com linhas de pensamentos que são ensinados no nosso atual momento ao qual vivemos; seja a mulher que pensa em abortar ou até mesmo a questão da homossexualidade. O autor referido fala mais um pouco sobre essa questão a qual desvia muitas vezes, ao seu ver, o foco:

Muitos desses esforços (os sociais) são bons e não devem ser interrompidos. O problema, porém, é quando esses mesmos evangélicos ficam em silêncio quando se toca em questões culturais mais polêmicas, como aborto ou casamento entre pessoas do mesmo sexo (PLATT, 2016, p. 15-16).

Imagina-se então, que Platt expressa que não seria viável para uma igreja tratar apenas aquilo que agrada às pessoas, mas também aquilo que confronta; entende-se que cabe à igreja e seu líder deixar a imparcialidade e buscar algo que se pode dizer sólido, ou seja, a verdade não pode ser, segundo o autor, mutável. Sendo assim, de onde vem essa verdade superior que deveria ser apresentada, não só para à comunidade de fé, mas também para a sociedade? Afinal, o homem contemporâneo conseguiria entender que há algo ou alguém superior a ele, um ser capaz de confrontar as suas ideias e seus caminhos? E o líder da comunidade de fé, como poderia agir diante dessa situação? Seria sua tarefa confrontar as atuais ideias, ou pode-se dizer que o homem é o dono do seu próprio destino, criador e seguidor da sua própria verdade?

Platt ainda fala sobre o impacto causado ao indivíduo com esse tipo de pensamento: “Diga a qualquer indivíduo de hoje que existe um Deus que sustenta, possui, define, governa e que um dia ele o julgará, e esse indivíduo ficará contrariado e ofendido. Qualquer um ficaria – e todos ficam. Essa é nossa reação a Deus” (PLATT, 2016, p. 19). No entanto, segundo Platt “[...] Deus deixa claro ao homem que este será julgado com base na obediência à ordem divina [...]” (PLATT, 2016, p. 19). Pode-se então, analisar que não seria confrontador tocar em alguns assuntos que ofenderia o indivíduo, mas, segundo o autor, o líder religioso não poderia deixar de confrontar o indivíduo, já que na visão do autor, todos os homens serão submetidos a um julgamento de um ser mais poderoso e detentor de toda a verdade.

A complexidade aumenta ao analisarmos o campo religioso brasileiro. Percebe-se que há um dinamismo evidente na religião brasileira, e claro, na cristã evangélica, o que leva a perceber a sua peculiaridade e, assim, entender a sua pertinência e a necessidade de estudar os fenômenos religiosos no país que por muitas vezes tem se mostrado de difícil regulamentação por partes dos seus fiéis; isso mais propriamente, do que diz respeito às

igrejas evangélicas brasileiras. Dentre esses fenômenos é nítido o pluralismo na igreja brasileira, também a ação mercadológica que influencia evidentemente o trânsito religioso que afeta a vida em comunidade, também a mudança doutrinal em relação ao que se ensinava no passado e ao que é ensinado hoje. A igreja brasileira não foge da espetacularização da fé e a liturgia mostra-se cada vez mais imagética. Enfim, abre-se uma grande miríade e opções para as discussões acadêmicas quando o assunto tratado é o estudo das religiões no Brasil (FARIA, 2021, p. 19).

Enfim, ao analisarmos as palavras de Jonas Rodrigo Becker, temos a ideia de amplitude da religião no Brasil, que é a forma de pavimentar o caminho para uma melhor compreensão do fenômeno religioso no país. Como ele afirmou:

A amplitude e a diversidade do campo religioso brasileiro auxiliam neste processo. O caldeirão religioso é composto por religiões indígenas e africanas, catolicismo, judaísmo, protestantismo, espírita, esotéricos, pentecostais, umbanda, religiões orientais e um sem-número de outros movimentos religiosos, além dos “sem-religião” – todos cozidos pelo mercado religioso (BECKER, 2008, p. 63).

251

O autor entende que, além do momento pós-colonização do Brasil que se inicia com múltiplas influências religiosas, a religião no território brasileiro emergiu com sua influência diversificada no decorrer do tempo. Sendo assim, é característica do brasileiro médio a qualidade do sincretismo. Por exemplo, até mesmo o catolicismo europeu optou por adaptação no solo brasileiro para não se esvaír e “desaparecer” de vez. De outro modo, necessitou se adaptar ao contexto brasileiro. José Bittencourt Filho diz que mesmo essa religião antiga e tradicional optou por uma pronta solução, mesmo que parcial para atrair fiéis no Brasil:

Na América Latina, em geral, e no Brasil, em particular, o Catolicismo só pôde encaminhar uma solução (parcial) para esse contratempo mediante uma revalorização da assim chamada

religiosidade popular; há mesmo quem considere a religiosidade popular como a mais rica e original produção cultural da civilização brasileira. Não poderia ser diferente, uma vez que, desde sempre, nas comunidades arcaicas, fazia-se imprescindível uma permanente “recapitulação”, ou seja, a criação da identidade efetuada por meio de mediações simbólicas capazes de manter o vínculo com as entidades ancestrais que lhes deram origem, “trazidas” para o presente intermediário dos ritos e das festas de caráter religioso (BITTENCOURT FILHO, 2012, p. 45-46).

José Bittencourt Filho ainda discorre sobre a intensidade religiosa e disseminação da cultura de mercado:

O que pode ser tornado como inédito no contexto atual seria, por um lado, a intensidade da diversidade religiosa e, por outro, a disseminação da cultura de mercado de bens simbólicos que atinge diretamente o campo religioso. Este se encontra eclético e sincrético como nunca. O processo de globalização, ao mesmo tempo, em que aproximou sistemas religiosos distantes por meio da compressão do espaço-tempo, criando uma situação de interculturalidade, também produziu uma mercantilização do campo religioso em oposição a uma visão tradicional que enfatizava a sua dimensão sagrada. Se no contexto tradicional o sincretismo se fazia a partir da crença de que o campo religioso era obra divina e, portanto, todas as religiões eram sagradas e não podiam ser excluídas, no contexto global as escolhas e as bricolagens religiosas parecem se dar a partir de uma visão secular do campo religioso, em que a ideia de consumo ou de mercado é predominante (BITTENCOURT FILHO, 2012, p. 45-46).

Segundo o autor supracitado, os vários quesitos e características apresenta um campo religioso contemporâneo único. Sendo assim, é necessário um exame mais detalhado sobre o campo religioso brasileiro por ser um campo muito vasto e peculiar. As instituições religiosas, mais propriamente as cris-

tãs evangélicas, lideradas por seus pastores têm dificuldade em entender essa liberdade religiosa que afeta a característica do fiel (BERGER, 2017, p. 84). Por outras palavras, as evoluções modernas e a vasta difusão do pluralismo religioso são fenômenos globais (BERGER, 2017, p. 101), e o Brasil não está isento desses processos e seus efeitos.

Contudo, mesmo que se trate de religião neste contexto apresentado principalmente no solo brasileiro, quão ofensivo e arbitrário soaria uma verdade para o homem contemporâneo a ponto de até mesmo abalar o relacionamento entre o indivíduo e seu líder, e até mesmo sua comunidade de fé. Talvez esse tipo de questão, entre certo e errado tornou-se ultrapassado, vencido pela modernidade. Mas, Platt ainda tem uma opinião sobre essa questão:

Há quem negue por completo dizendo que não existe isso certo ou errado, que toda ética é ilusória e arbitrária e que somente as preferências pessoais é que contam. Contudo, as pessoas que creem nisso muitas vezes o contrário do que dizem: elas argumentam que o certo é concordar com elas e o errado é discordar do que dizem. Irônico, não é mesmo? (PLATT, 2016, p. 28).

Segundo Platt existem indivíduos que negam qualquer possibilidade de alguma verdade soberana, mas ao mesmo tempo esse pensamento, por vezes se contradiz ao não aceitar qualquer tipo de questionamento a sua opinião.

## 2. PLURALISMO E CRISTIANISMO

Diante disso, pode-se então observar que ser um ministro do Evangelho nesse tempo atual não é fácil; as enxurradas de opiniões e ideias torna essa função grandemente trabalhosa e desgastante. Rubem Amorese trata muito sobre a pluralidade e a dificuldade de se manter uma visão bíblica em uma comunidade de fé em um mundo moderno. O autor diz o seguinte:

Na verdade, não é tanto que não aceitem sugestões – não se mencionem os termos exortação nem admoestação; o máximo que passa é “crítica construtiva” – sobre sua vida. É que são pluralistas também quanto a isso. – Por que vou ouvir apenas esse pastor, quando se trata da minha vida? Quando quero um bom diagnóstico de uma doença, não procuro vários médicos? Eles compreendem, e não ficam zangados. São modernos. Faço o mesmo com minha vida espiritual. Ouço todos e tomo minhas decisões (dá licença). Espero que eles sejam “arejados” o suficiente para compreender. Se não forem, vão acabar sem público [...] (AMORESE, 1998, p. 104).

Com isso, percebe-se que o que é considerado como verdadeiras doutrinas da fé cristã vão perdendo seu valor, pois o que interessa nesse cenário religioso, genuinamente utilitarista, são as experiências vividas, ainda que em detrimento da tradição evangélica. Há uma relativização dessas supostas verdades em função do derretimento da fé. Se Sabe de sua importância, mas quando ela se torna paradigmática, eis um grande perigo identificado nas comunidades tradicionais, principalmente pelo fato de que o indivíduo vivendo sob essa nova cultura só consegue buscar os resultados finais ou os supostos benefícios (AZEVEDO, 2015, p. 134). Marcos Azevedo faz uma observação relacionada a esse ponto de vista:

Como consequência direta do sentimentalismo, num mundo marcado pelo pluralismo, onde vivemos o reino das opções, com ofertas para todos os paladares, encontramos o consumismo, tendo como uma de suas causas e consequências, ao mesmo tempo, o superficialismo em que vive o homem. A sociedade é movida também pelo poder do econômico que gera uma cultura altamente utilitarista. Podemos atribuir essa dimensão da sociedade pós-moderna a ausência de verdade objetiva (AZEVEDO, 2015, p. 135).

Contudo, Amorese analisa o comportamento desse indivíduo ao ser confrontado, que para o autor, esse não aceita a opinião do seu líder, o pastor. Observa-se a dificuldade que o indivíduo moderno tem em respeitar, ou ouvir, uma opinião confrontante. Essa dificuldade pode, segundo o mesmo autor, abalar drasticamente a estrutura da comunidade de fé:

A Consequência imediata para a igreja se dá via cavalo de Tróia. Trazemos o inimigo para dentro das muralhas. Para adaptar nossa mensagem, nosso discurso interno, nossa liturgia, nossa celebração, enfim, a essa nova realidade, criamos um Cristo que salva, mas não transforma; que tem poder, mas não convence. Que convence, mas não converte. Anunciamos um evangelho que propõe, mas não confronta (politicamente correto). Anunciamos um evangelho que transborda, mas não transtorna. Mesmo os bordões mais antigos passam a ser compreendidos de acordo com as luzes existentes. Por exemplo, “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” passa a ser entendido como um processo de informação. Nada tem que ver com o íntimo, como mudanças de mente, de atitudes, de compromissos. Afinal, a Internet é ou não é libertadora, no sentido de que lhe dá condições de percorrer o mundo, de acessar qualquer site de conhecimento, de forma que sua verdade seja mais completa? (AMORESE, 1998, p. 134).

Amorese também fala sobre algumas crises enfrentadas pela comunidade de fé decorrente do momento contemporâneo:

A crise comunitária é a crise da Igreja, porque no dia em que não nos pertencermos mais, no dia em que não tivermos mais responsabilidades, uns em relação com os outros; no dia em que não cuidarmos mais uns dos outros; no dia em que não nos importarmos mais o suficiente para odiar, então não haverá mais igreja. Nesse sentido, hoje em dia, “a madeira tem de nadar, para boiar”. O sistema conspira contra a comunidade [...] (AMORESE, 1998, p. 145).

Percebe-se que o argumento de Amorese indica que quanto mais uma comunidade de fé se adapta a forma da modernidade, mais se inclina para um individualismo dos seus adeptos, afetando todo conjunto desse corpo e colocando-o em um suposto risco na sua existência. Segundo os argumentos estudados até aqui, a função pastoral na modernidade passa por momentos de tensão por causa da maneira em que a modernidade tem afetado o ego das pessoas. Afinal, o que um sujeito destinado ao ministério pastoral deve fazer diante desses agravantes modernos, adaptar-se, ou influenciar os seus liderados a tomarem uma postura diferente para o bem da comunidade religiosa?

Sendo assim, Jonas Madureira argumenta sobre a sabedoria divina de Deus sobre qualquer capacidade humana; mas também argumenta sobre a busca do homem sobre a verdade, ou melhor, de um cristão sobre a verdade:

O cristão, portanto, não nega que o conhecimento da verdade liberta o tolo, porém afirma que, antes de conhecer a verdade, o tolo precisa de uma libertação que não é fruto nem de uma reflexão sobre a verdade e muito menos de uma autorreflexão, mas, sim, de uma ação interna do Espírito, que, com efeito, liberta o tolo para o conhecimento da verdade. De fato, o platônico acerta quando diz que a condição primordial não é conhecer para ser liberto, mas ser liberto para conhecer. Todavia, equivoca-se quando entende que o poder que liberta é a mera reflexão. Nem mera reflexão, nem conhecimento teórico algum poderão libertar o tolo para o conhecimento da verdade. Algumas pessoas pensam que o remédio para a tolice está num seminário teológico, numa faculdade de filosofia ou num laboratório de ciências. O seminário, a faculdade e o laboratório podem ser mais sombrios que um fundo de uma caverna (MADUREIRA, 2017, p. 64-65).

Madureira entende que nem mesmo o conhecimento humano pode revelar ao limitado homem a grandeza e soberania de Deus. Para Madureira, a verdade que é tão buscada, e muitas

vezes é motivo de engrandecer egos alheios, pode ser concedida pelo próprio Espírito de Deus. É algo que não se encontra em uma academia, mas é doado pelo próprio Deus.

Analisando a opinião de alguns autores e diante do que foi apresentado, constata-se que diante dessa visão, o momento contemporâneo pode levar o indivíduo a ter alguns conflitos internos que afetam a sua vida cristã e conseqüentemente toda a comunidade de fé. Segundo a visão dos autores apresentados, que são da confissão cristã evangélica, a pessoa destinada à função do ministério pastoral precisa agir com uma postura longe de qualquer imparcialidade, deixando de agir de uma forma vulnerável, que cultive em não centralizar a vontade do homem como verdade fundamental em detrimento da verdade absoluta. Entende-se então que a função ministerial não tem o objetivo entrar em conflitos (mesmo que isto ocorra), mas mostrar um norte, um alvo, um caminho a ser seguido.

Segundo Hervieu-Léger, o contexto da história da humanidade passa por muita influência na vida do indivíduo moderno. Segundo a autora

[...] reviravoltas históricas que sacodem as estruturas das sociedades nas quais eles vivem, funcionam também como reveladores das contradições da Modernidade. Elas põem em claro, particularmente, a antinomia que existe e se acentua entre o individualismo, entendido e vivido como “a independência de cada um em sua vida privada”, e o desenvolvimento de um sentido coletivo de interdependência entre os membros da sociedade, indispensável à regulamentação das sociedades plurais (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 55).

Hervieu-Léger, assim, entende que mesmo que a maioria das instituições de socialização estejam a enfrentar as implicações desta mutação cultural (isso serve principalmente para a igreja evangélica), o transtorno causado é ainda maior nas instituições religiosas; isso porque a transmissão está naquilo que

é própria base de sua existência, a saber, a continuação da memória que os fundamenta (HERVIEU-LÉGER, 2015, p. 61). Diante dessas observações e apreciando o fenômeno do pluralismo religioso – conformado como uma espécie de “mercado” –, esse é apresentado como a ponta de lança emergida da secularização da própria vida religiosa, uma abertura para a indiferença (SANCHIS, 2001, p. 30). Para Sanchis, “[...] é este pluralismo que permite o advento da experiência religiosa à modernidade da autonomia decisória do sujeito, autonomia individual articulada a um mútuo enriquecimento dialógico” (SANCHIS, 2001, p. 30).

Sobre a relação entre o pluralismo e o individualismo Azevedo pondera através de uma análise muito interessante. Escreve ele:

Como não poderia deixar de ser, este novo homem moderno torna-se essencialmente individualista, tendo a pluralidade como pano de fundo. Na verdade, o individualismo impõe-se nessa nova antropologia. O individualismo traduziu-se, em sua gênese, pela “revolta dos indivíduos” contra a hierarquia e em nome da igualdade. Podemos caracterizar o individualismo moderno com outros contornos. Ele apresenta-se como dogmático, ou seja, requer absoluta liberdade para fazer suas escolhas; algo como “eu sou soberano nas minhas escolhas e devo ser tolerado e respeitado nelas”. Com uma sociedade fragmentada, setorizada, sem referenciais globais, sejam religiosos ou não, o homem moderno alimenta-se de seu famigerado individualismo (AZEVEDO, 2009, p. 29).

A partir deste entendimento, é entendido que o ministro do evangelho lidera pessoas com várias características, na maioria das vezes, cada uma buscando a sua própria verdade; sendo assim, se tornará difícil uma comunidade de fé se manter em pé quando a verdade humana prevalece. Talvez, na sua ânsia pelo sucesso, o ministro do evangelho pode cometer alguns deslizes, como analisado, até na sua carreira ministerial;

esse passa a buscar uma adaptação ao meio para conquistar pessoas, principalmente os mais jovens. James Carter e Joe Trull fazem a seguinte observação:

Uma atitude mais comum entre os evangélicos do século XXI é a identificação com a cultura. Para muitos, a ala de direita religiosa e a tendência a uma religião civil repetem a velha estratégia de “cristianizar” certas partes da cultura. Outra forma de identificação consiste na tentativa de várias igrejas de alcançar as gerações mais jovens ao dotar sua música, moda e mentalidade. No esforço para ser relevante, porém, a igreja pode se adaptar de tal modo a sociedade a ponto de perder a sua mensagem divina (CARTER; TRULL, 2010, p. 167).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se dizer que a vontade da igreja de se adaptar à cultura, por mais que possa ser com boas intenções (ou não), pode se tornar algo verdadeiramente letal para a Igreja. Entende-se então que um ministério pastoral que é bem-sucedido, não é o que se mede por quantidade de pessoas, mas sim pela firmeza nos seus conceitos e conseqüentemente passados aos seus membros levando-os a uma adaptação. Spurgeon diz o seguinte:

Entretanto, ainda assim, toda pressa em conquistar membros para a igreja é sumamente nociva, tanto para a igreja como para os supostos convertidos. Lembro-me muito bem de vários jovens que eram de bom caráter e que inspiravam esperança quanto à religião. Todavia em vez de lhes sondar o coração e de visar a sua conversão real, o pastor não lhes deu descanso enquanto não os persuadiu a professarem a sua fé. Achava que estariam mais ligados às coisas santas se professarem ser religiosos, e se sentia seguro ao pressioná-los, pois “prometiam tanto!”. Imaginava que os desanimasse com o exame cuidadoso, poderia afugentá-los e, assim, querendo segurá-los, fê-los, hipócritas. Aqueles jovens estão hoje

muito mais longe da Igreja do que estariam se tivessem sofrido a afronta de ser mantidos no lugar que lhes cabia e se tivessem sido advertidos de que não se haviam convertido a Deus (SPURGEON, 2014, p. 12-13).

Conquanto, para Charles Spurgeon “[...] conquistar almas não é emocionar as pessoas, mas lhes apresentar a verdade [...]” (SPURGEON, 2014, p. 15). Sobretudo, o que se entende até aqui, através dos autores referidos posteriormente, é que o caminho para o ministro confessional e tradicional é seguir e se pautar na sua tradição.

Dito isto, entende-se que um ministério pastoral deveria ser o que preza em nortear pessoas por um caminho o qual pode-se indicar unicamente através de dedicação e busca por um aperfeiçoamento da parte do ministro para com a igreja. Contudo, mostrar para as pessoas um caminho, requer que primeiro o ministro se norteie de acordo com caminho da sua confissão de fé. Nesses dias contemporâneos, geralmente por causa dessas variedades de informações apresentadas por diversas comunidades de fé, o possível adepto que chega para uma comunidade, pautada em conceitos invariável, por vezes, chega, mas não consegue se adaptar por causa da sua forma moderna de ser e a forma invariável da comunidade que não abre mão da sua forma tradicional de caminhar.

260

## REFERÊNCIAS

AMORESE, Rubem Martins. **Icabode**: da mente de Cristo à Consciência Moderna. Viçosa: Ultimato, 1998.

AZEVEDO, Marcos Antônio Farias de. Uma breve abordagem sócio-cultural, antropológica e religiosa na modernidade, **Reflexos**, Vitória, v. 3, n.3, p. 11-47, 2009.

AZEVEDO, Marcos. **Modernidade e pós-modernidade**: Desafios à vida e à fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, Edição do Kindle, 2015.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade**: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BITTENCOURT FILHO, José. Campo religioso e sociedade global. **Reflexus**, Vitória, a. VI, n. 7, 2012.

BITTENCOURT FILHO, José. **Matriz Religiosa Brasileira**: religiosidade e mudança social. Vitória: Unida, 2019.

CARTER, James E.; TRULL, Joe E. **Ética Ministerial**. São Paulo: Vida Nova, 2010.

DA SILVA, Geoval Jacinto. (org.). **Itinerário para uma pastoral urbana**: ação do povo de Deus na cidade. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008.

FARIA, Rodrigo Mendes. Religião à brasileira: pluralismo, mídia e política. **Último Andar**, São Paulo, v. 24, n. 38, p. 218-231, 2021.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Vozes, 2015.

KOPESKA, Marcos. **O pastor na modernidade líquida**: como sobreviver a esta era e ter um ministério duradouro. Curitiba: Schütz, 2018.

MACARTHUR, John. **A guerra pela verdade**. São José dos Campos: Fiel, 2010.

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

PLATT, David. **Contracultura**: um chamado compassivo para confrontar um mundo de pobreza, casamento do mesmo sexo, racismo, escravidão sexual, imigração, aborto, órfãos e pornografia. São Paulo: Vida Nova, 2016.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Rio Grande do Sul, a. 3, n. 3, p. 27-43, 2001.

SPURGEON, Charles Haddon. **O conquistador de almas**. São Paulo: PES, 2014.